

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



**Schreber: ressonâncias na psicanálise
em intensão e extensão**

Mariana Wartusch contatowartusch@gmail.com

Maíra Maciel Campomizzi mairacampomizzi@gmail.com

Rebeka Landim Rafael rebeka_landim@hotmail.com

Resumo: A partir da leitura das memórias de Schreber, sob a ótica de vários comentaristas, busca-se recolher coordenadas para ler e intervir sobre os efeitos do discurso da ciência para além do diagnóstico psiquiátrico na contemporaneidade.

Palavras-chave: Schreber, psicose, discurso da ciência.

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



**Schreber: resonances in psychoanalysis
in intention and extension**

Mariana Wartusch contatowartusch@gmail.com

Maíra Maciel Campomizzi mairacampomizzi@gmail.com

Rebeka Landim Rafael rebeka_landim@hotmail.com

Abstract: By reading Schreber's memoirs, from the perspective of several commentators, we seek to gather coordinates to read and intervene on the effects of the discourse of science beyond psychiatric diagnosis in contemporary times.

Palavras-chave: Schreber, psychosis, discourse of science

São Paulo

2024

Nas considerações finais do caso Schreber, Freud se interrogou sobre o quanto de verdade havia em seu delírio, para além do que se podia reconhecer à época. Em suas memórias, Schreber tomou a si mesmo como objeto de um olhar científico e foi justamente a esse olhar, encarnado na figura do Dr. Flechsig, que ele endereçou sua escrita. Sua insistência na publicação, apesar das objeções, aponta para a certeza de que seria uma imensa contribuição para a ciência e para a religião. Sua escrita aproxima-se dos relatórios médicos, evidenciando que, na relação médico-paciente, este último encontra-se sempre na condição de objeto de investigação e intervenção clínica. Para além das bibliotecas dos psiquiatras e psicanalistas, Canetti logo reconheceu na paranoia de Schreber as bases dos sistemas autoritários, que emergiriam décadas mais tarde e que tinham por horizonte um mundo purificado, onde o avanço da ciência e da técnica, aliado à demissão subjetiva de um povo, levou à morte de milhões. Passado mais de um século, por que retornar a Schreber?

Percebemos uma acentuação dos mecanismos paranoicos na contemporaneidade tecnológica e científica. Os fracassos no tratamento de Schreber suscitam questões acerca dos efeitos dessubjetivantes operados pelo discurso da ciência. A paranoia pode ser lida tanto como pré-condição do conhecimento humano quanto estrutura clínica, sendo que essa última coloca em evidência a complexidade da constituição da extimidade do sujeito do inconsciente. Quais desafios encontramos na clínica com indivíduos que já chegam em transferência com o discurso da ciência? Levando-se em conta a psicanálise em extensão, quais as ressonâncias do discurso da ciência em um mundo determinado por algoritmos?

Schreber nos mostra como a potencialização da dimensão paranoica na transferência pôde contribuir para seu delírio, um deslizamento da relação com esse Outro que Schreber supõe saber tudo a seu respeito. Ele vive terríveis manipulações em seu corpo, atribuídas a Flechsig e escuta, incessantemente, vozes que o caluniam. Seu delírio, que produz a fala dos nervos — *Nervensprache*, seria uma tentativa de dar um sentido científico e religioso à experiência que o ultrapassa, tal qual a ciência da neurologia, que objetiva descobrir a verdade dos neurônios, sinapses e redes neurais. Flechsig, cientista, que devia grande parte de seu conhecimento à realização de necropsias, seria a outra face do Deus de Schreber, um Deus acostumado aos mortos e incapaz de compreender os vivos. Nessa condição, Flechsig, grande especialista nas doenças do sono, priorizou o tratamento da insônia, primeira manifestação clínica do quadro de Schreber. Movido pela crença na onipotência da ciência, ele encarnou o lugar do Outro absoluto, anulando a subjetividade de Schreber tal como seu pai o fez. O fracasso da sedação se deve ao fato de que a fronteira entre a cena do sonho e a cena da realidade foi

desfeita. O corpo padece, onde o significante não opera. Essa sequência de eventos aponta que não havendo possibilidade de poder se orientar pelo significante, o sonho enquanto metáfora da posição subjetiva fica inviabilizado.

Lacan leu os fenômenos elementares da psicose para além do caráter imaginário, enquanto fatos de linguagem, e mostrou-se assertivo a respeito de uma causalidade orgânica: “A única organicidade que está essencialmente implicada nesse processo (é) a que motiva a estrutura de significação.” (Lacan, 1966/2020, p.579). Escutar o fenômeno elementar para além do fenômeno implica na distinção dos registros real, simbólico e imaginário. Soler assinala em Schreber onde se pode localizá-los:

“O próprio Schreber distingue, no início de sua doença, por um lado, sua nomeação como presidente do Tribunal de Apelação, e aí temos o simbólico; por outro lado, há o devaneio de que “seria belo ser uma mulher submetendo-se ao coito”, e aí temos o imaginário; por fim, de importância capital no desencadeamento, segundo Schreber, existe a famosa noite em que ele tem sabe-se lá quantas poluções noturnas, que indicam, para nós, a emancipação do órgão.” (Soler, 2002/2007, ,p.16).

Na estabilização da psicose, os três registros voltariam a se organizar por meio do delírio. A construção delirante, ao coordenar a imagem do próprio corpo com as cadeias significantes, circunscreve o gozo do Outro e permite a Schreber ter a certeza de ser a Mulher de Deus. Por meio da metáfora delirante, Schreber nomeia a si mesmo e constrói um lugar para si. A partir da leitura dos fenômenos elementares como uma forma de reorganizar os três registros que dispensa a ancoragem na metáfora paterna, como distinguir a ruptura da realidade partilhável nas estruturas em contraponto ao discurso da ciência?

A Constituição do Sujeito fundada por Lacan estabelece uma diferença entre o diagnóstico estrutural e o fenomenológico. Essa teoria formaliza a diferença entre o sujeito e o “eu”, instância de alienação, que por sua vez possui caráter paranoico. Como apreendemos o mundo pelo olhar do outro, há um ponto de desconhecimento da alteridade em nós mesmos, promotor de um mal-estar que o discurso da ciência, fundado na ordem simbólica, visa recobrir. Em decorrência desse recobrimento, observamos a emergência da transferência massiva com o discurso da ciência. Para a psicanálise, o diagnóstico da psicose não pode ser feito de imediato e se deve avaliar não só a presença de fenômenos elementares, mas também a posição subjetiva do paciente, localizável a partir da fala.

Desde os tempos de Flechsig, o tratamento psiquiátrico visa promover o adormecimento dos delírios e alucinações dos psicóticos. O uso dos psicofármacos serviria assim de barreira ao gozo do Outro. Essa abordagem não considera as coordenadas apresentadas tanto no desencadeamento como na produção delirante, bem como a suposição de um sujeito, preocupando-se tão somente em trazer o paciente de volta à norma fálica, em conformidade ao social. Em contrapartida, a proposta lacaniana é a de um tratamento do gozo por meio da linguagem (Harari, 2006, p.08).

Diante de sujeitos nos quais a metáfora paterna se encontra ausente, é que podemos provar o limite da nossa ação. A transferência com pacientes psicóticos implica não só a aposta de que ali há um sujeito, mas também a curiosidade genuína, a partir do desejo do analista, sobre o que pode advir do encontro entre analista e analisante – a possibilidade de que o sujeito possa emergir, movimentar-se e construir um lugar para si. Onde os conceitos teóricos fracassam em dar conta da experiência, que o analista possa marcar presença em seu saber-fazer com o inconsciente. Essa condição de sujeito intervalar, ao qual o falasser não pode renunciar – justamente por ser ela que introduz modificação, deslocamento, recombinação em um discurso – foi o que levou Lacan a abandonar a ideia de que a psicanálise era científica, sem, com isso, torná-la menos rigorosa¹. (Melman, 1994/2006, p.32).

Não se colocar no lugar do Outro absoluto, apesar das demandas do paciente, é um posicionamento importante para que a transferência não contribua a favor da paranoia. Se a maioria dos analistas de sujeitos psicóticos são orientados a auxiliar os pacientes na produção de seus delírios, Flechsig também o fez, mesmo que involuntariamente. Contudo, não nos parece que destacar essa relação de onipotência observada no delírio de Schreber seja a melhor direção do tratamento para sujeitos psicóticos que sofrem, justamente, por não conseguirem fazer barreira a esse Outro absoluto que os invade. Maleval pontua que, na análise do psicótico, deve-se construir não qualquer delírio, mas um delírio consentido pelo analista (Maleval, 2022, p.341). Assim, a postura seria diferente do posicionamento em relação ao sujeito neurótico no qual o analista permite ao analisante experimentar o engano. O sujeito paranoico, em sua condição de errância, precisa ser orientado a se distanciar do lugar de gozo do Outro, gozo ao qual o analista faz objeção, promovendo a perda da consistência desse Outro.

¹ Daí a escrita: “Lembro-me de que é pela lógica que este discurso (psicanalítico) toca a realidade, reencontrando-a como impossível, por isso é este discurso que a eleva à sua potência extrema: ciência, disse eu, do real” (LACAN, 1972/2020, p.449).

Saber e fazer com esse saber fixo, científico, sem zonas obscuras, é um dos desafios na paranoia que, em alguns casos, pode levar a contribuições nas artes e nas ciências, como podemos verificar em Artaud, Rousseau, John Nash, exemplos de paranoicos ilustres. A escrita, enquanto tentativa de decifração do Outro, é um procedimento importante na estabilização do sujeito paranoico, na medida em que movimenta sua relação enrijecida com o Outro, trazendo uma dinâmica na qual ele não estaria mais de mãos atadas. Maleval assinala que a prática da letra pode suscitar uma significantização do gozo do Outro, como observamos no delírio de Schreber de tornar-se mulher, eficaz no apaziguamento de sua angústia. Ele também pontua que a publicação pode levar a um esvaziamento do Outro (Maleval, 2022, p. 289). Ela instaura um corte entre o sujeito escritor e aquele que é objeto da escrita do livro, podendo estabelecer uma certa divisão entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado. “*À la fiction du délire, elle ajoute alors une tentative de fixation de l'être du sujet.*” (Maleval, 2022 p. 289). Será que Schreber, enquanto autor médico e objeto de investigação científica, tentou sustentar uma posição junto ao outro através de sua escrita? Infelizmente, a história nos dá notícia que esse arranjo teve uma efetividade transitória.

A escrita gera bordas e incide a letra em um buraco dentro do conhecimento específico de cada campo. Nessa perspectiva, a letra é esse elemento fundamental que não está subordinado ao sentido e é o que capacita a criação em movimentos artísticos, na literatura ou mesmo nas fórmulas científicas. A dificuldade nas psicoses é que o sujeito parte de um ser falado sem dialetização. A reconstituição dos diferentes enlaces com significações já familiares só é possível mediante a emergência do inconsciente como uma letra em instância. Sendo a Letra (lettre/l'être) suporte do significante, devemos tomá-la por princípio daquilo que marca, que faz traço. Em referência ao inconsciente, ela implica necessariamente uma articulação significante. Esta mesma letra que traz consigo um endereçamento, é vetorizada em uma análise e, pela transferência, se faz possível uma leitura a partir daquilo que é dirigido ao analista. A importância do advento do termo *estrutura* em Lacan, aponta para uma implicação na leitura e interpretação da mesma, dentro do laço transferencial, onde um dirige sua fala a um outro. Não é garantido que um escrito tenha um endereçamento no laço social ao qual faz parte. O sujeito constroi o leitor à quem ele endereça sua letra, e que esteja em relação, não se colocando em exterioridade à transferência. É através da presença do analista que há um tempo de emergência da letra nas formações do inconsciente até a inscrição do sujeito. Nesse sentido, a escrita de Schreber fracassa.

Em sua *Carta aberta ao sr. conselheiro prof.dr.Flechsigt* (Schreber, 1903/2021, p.35), há a produção delirante de um nome: *Daniel Fürchtegott Flechsigt* - Daniel, seu nome, que já está presente desde seu avô é fusionado com a figura de Flechsigt. Também encontramos esse significante patronímico, *Deus*, presente desde o sobrenome de seu pai² — Gottlob, assim como no primeiro nome de Flechsigt — *Theodor* (radical. *theo*, de Deus) e nos sobrenomes dos parentes de Flechsigt — *Fürchtegott* (tradução: temor a Deus). O ponto concebido aqui é que a produção de um novo nome cria um lugar que emerge tanto para fazer uma fusão quanto uma denúncia. Tanto a produção do nome quanto o delírio de tornar-se mulher são produções de Schreber que, ele as endossa, mas é incapaz de reconhecê-las como suas. Na ausência do analista que faz a leitura, é impossibilitado ao sujeito fazer operar a escrita enquanto elemento que lhe retorna de forma enigmática. Sem a presença do analista que lê a escrita e a reconhece, fazendo-a retornar ao sujeito de forma enigmática, o mesmo é cerrado em suas repetições e no gozo mortífero.

Se o encadeamento simbólico não acontece, é o SuperEu quem organiza a cadeia significante, com seu caráter tirânico de significações pejorativas e acusatórias voltadas ao sujeito e que apontam para uma impossibilidade de sua sustentação. Lembremos que o imperativo pela escrita já estava determinado nas gerações anteriores e que Schreber fracassa em decifrar a mensagem que vem do Outro, nas palavras de seu bisavô, “Escrevemos para a posteridade” (Dias, 2023, p.1). Essa mensagem não se endereça a uma alteridade.

Sem saber, Schreber reconheceu a *Nervensprache* como língua da ciência, a qual não lhe foi possível escapar ao jugo. O discurso da ciência aspira escrever a totalidade do Real, visando a produção de um saber absoluto, sem equívocos, sem espaço para a contradição e por isso mesmo, promotor do exílio do sujeito. Esse discurso, em nome de uma escrita universal, impede o advento e reconhecimento das singularidades, rechaçando aqueles que ousam sustentar uma posição de imprevisibilidade. Atualmente, testemunhamos a autoridade das previsões deslizar do método científico para o mundo dos dados, o que não é sem consequências.

A psiquiatria tenta se aliar às neurociências e aos biomarcadores para alcançar a promessa de precisão diagnóstica e prognóstica do olhar algorítmico, onde dados seriam recolhidos, analisados, combinados e traduzidos por programas de inteligência artificial.

² Podemos ver as publicações de Daniel Moritz Schreber com duas grafias diferentes do sobrenome: Gottlieb e Gottlob. Uma se traduz em amor a Deus e a outra em louvor a Deus.

Testemunhamos investimentos em pesquisas para incluir este campo no diálogo com as novas tecnologias: o uso de gadgets na análise de discurso e prevenção de um primeiro surto psicótico, bem como o acúmulo de big data visando um horizonte livre dos equívocos promovidos pelos relatos dos pacientes em que o tempo de consulta seria otimizado. Se a ciência visa estabelecer a causalidade dos fenômenos investigados, os algoritmos descortinam os fenômenos por meio dos dados, estabelecendo conexões até então invisíveis, passíveis de prever o futuro e inclusive determiná-lo, a despeito de não guardarem qualquer compromisso com a causalidade. (Mcquillan, 2016, p.02). No campo social, o que se evidencia da passagem da produção do saber científico às combinações de dados é a transmissão de mensagens direcionadas a nichos, que vão ao encontro dos medos e crenças e carregam consigo um caráter absoluto, criando um terreno hostil à dialetização e que produz as mais variadas expressões do ódio.

Se no fim da vida, Schreber acabou por ser encerrado na *Nervensprache*, ele nos legou as coordenadas de leitura não só da psicose, como também os efeitos da primazia do discurso da ciência, que promovem o exílio do sujeito. Em nossa época, dominada pela presença dos algoritmos, vislumbramos o Deus de Schreber, que nada quis saber dos vivos. Nesse contexto, de que forma o psicanalista pode abrir caminho para que o sujeito apareça? Se é do campo do sujeito que pode advir o novo, o singular, a diferença, como fazer vacilar as fronteiras entre o Simbólico e o Real?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, M, M. *Psicose e Escrita*

_____. *Não haverá psiquiatria sem psicálise.*

in:[https://voxinstituto.com.br/?s=n%C3%A3o+haver%C3%A1&sl_active=1&p_sl_data=1&custom_set\[\]=artigo&sl_gen\[\]=excerpt&sl_gen\[\]=content&sl_gen\[\]=title&qtranslate_lang=0&filters_initial=1&filters_changed=0](https://voxinstituto.com.br/?s=n%C3%A3o+haver%C3%A1&sl_active=1&p_sl_data=1&custom_set[]=artigo&sl_gen[]=excerpt&sl_gen[]=content&sl_gen[]=title&qtranslate_lang=0&filters_initial=1&filters_changed=0) São Paulo: 2023

FREUD, S. *Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia (“O Caso Schreber”)*, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Obras Completas Vol.X. trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HARARI, A. *Clínica Lacaniana da Psicose*. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa Livraria Ltda, 2006.

KORETSKY, C. *O despertar: Dormir, sonhar, acordar talvez*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2023.

LACAN, J. (1972) *O Aturdido* in: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2020.

_____. *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.

MCQUILLAN, D. *Algorithmic paranoia and the convivial alternative*. Big Data & Society, July–December 2016 in: [Algorithmic paranoia and the convivial alternative \(sagepub.com\)](https://www.sagepub.com)

MALEVAL, Jean Claude. *Conversations psychanalytiques avec des psychotiques ordinaires et extraordinaires*. Toulouse: Éditions éres, 2022.

MANNONI, O. *Chaves para o Imaginário*. Rio de Janeiro: Editora Vozes LTda, 1973.

MELMAN, C. *Clínica Psicanalítica: artigos e conferências*. Salvador: EDUFBA, 2000.

_____. *Retorno a Schreber*. Porto Alegre: CMC Editora, 2006.

SCHREBER, D. (1903) *Memória de um doente dos nervos*. São Paulo: Todavia, 2021

SOLER, C. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2007.